ENTRE A FIGURINHA QUE FALTA E O CONHECIMENTO QUE SE CONSTRÓI: O ÁLBUM E O COLECIONISMO COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

BETWEEN THE MISSING STICKER AND THE KNOWLEDGE BEING CONSTRUCTED: THE ALBUM AND COLLECTING AS A PEDAGOGICAL EXPERIENCE

Autor 1 GUILHERME ARAÚJO GRACIANO, GRACIANOARAUJOGUILHERME@GMAIL.COM
Autor 2 BRENDA BORGES FRERI MINETTO, BRENDABORGESMINETTO@GMAIL.COM

Resumo: O presente artigo analisa as potencialidades pedagógicas do álbum de figurinhas e das práticas de colecionismo como dispositivos capazes de favorecer o engajamento, a interação social e a relação dos estudantes com os conhecimentos escolares. Parte-se da compreensão de que o álbum não constitui apenas um suporte para apresentação de conteúdos, mas um artefato material, visual e relacional que mobiliza ações de procura, descoberta, classificação, organização, troca e constituição de uma coleção. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, analisa uma experiência pedagógica desenvolvida pelo mesmo professor em dois contextos escolares distintos, acompanhando três edições sucessivas de álbuns de figurinhas. Foram considerados registros de frequência escolar, indicadores de desempenho da plataforma LEIA e observações das práticas de circulação, troca e interação entre os estudantes. Os resultados indicam a presença de evidências de engajamento, expressas pelo aumento da frequência escolar, pela manutenção de indicadores de desempenho e pela ampliação das interações entre os estudantes, especialmente na primeira experiência. A comparação entre os contextos também evidencia que o engajamento não se manifesta de maneira uniforme, havendo indícios de menor atribuição de significado à prática na segunda instituição. Conclui-se que o potencial pedagógico do álbum está relacionado não apenas aos conteúdos apresentados, mas às práticas materiais e sociais mobilizadas pelo colecionismo.

Palavras-chave: Álbum de figurinhas. Colecionismo. Engajamento escolar. Práticas pedagógicas.

Abstract: This article analyzes the pedagogical potential of sticker albums and collecting practices as devices capable of fostering student engagement, social interaction, and students' relationships with school knowledge. It is based on the understanding that the sticker album is not merely a medium for presenting content, but rather a material, visual, and relational artifact that mobilizes actions such as searching, discovering, classifying, organizing, exchanging, and building a collection. This qualitative, exploratory-descriptive study analyzes a pedagogical experience developed by the same teacher in two different school contexts, following three successive editions of sticker albums. School attendance records, performance indicators from the LEIA platform, and observations of practices involving the circulation, exchange, and interaction among students were considered. The results indicate evidence of student engagement, expressed through increased school attendance, the maintenance of performance indicators, and expanded interaction among students, particularly during the first experience. The comparison between the two contexts also indicates that engagement does not occur uniformly, with evidence of less meaning attributed to the practice in the second school. It is concluded that the pedagogical potential of the sticker album is related not only to the content presented, but also to the material and social practices mobilized by collecting.

Keywords: Sticker album. Collecting. School engagement. Pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

Os objetos que ingressam no espaço escolar não constituem presenças pedagogicamente neutras. Livros, cadernos, mapas, cartazes, fotografias, jogos, fichas, computadores e outros artefatos materiais participam ativamente dos modos pelos quais

os conhecimentos são selecionados, apresentados, organizados, manipulados e significados no interior das práticas educativas. Mais do que suportes destinados a veicular conteúdos previamente constituídos, esses objetos instauram determinadas possibilidades de ação, orientam gestos, produzem formas de interação e condicionam modos particulares de relação com o saber. Sob essa perspectiva, a própria história da escolarização pode ser interrogada a partir da história de sua cultura material, isto é, dos objetos, tecnologias, disposições espaciais e práticas que, em diferentes momentos, conformaram maneiras específicas de ensinar e aprender.

É nesse horizonte que o álbum de figurinhas pode ser tomado como objeto de investigação educacional. Tal movimento implica deslocá-lo de sua aparente trivialidade e perguntar não apenas quais conteúdos poderiam ser inscritos em suas páginas, mas, sobretudo, quais operações cognitivas, afetivas e sociais são engendradas por sua configuração material e pelas práticas culturais historicamente associadas ao colecionismo. Essa discussão adquire particular pertinência em 2026, ano de realização da Copa do Mundo de Futebol, evento que historicamente contribui para reatualizar, no imaginário social e especialmente entre crianças, jovens e adultos, práticas relacionadas à aquisição, à troca e à organização de figurinhas. A circulação dos álbuns vinculados ao universo futebolístico evidencia que o colecionismo permanece como prática cultural capaz de mobilizar expectativas, afetos, interações e formas de sociabilidade, fazendo com que um objeto aparentemente ordinário reassuma visibilidade em determinados contextos históricos. Sua presença renovada no cotidiano oferece, assim, uma circunstância particularmente fecunda para interrogar suas possibilidades no espaço escolar. Interessa, portanto, menos compreender o álbum como um suporte alternativo para a transmissão de informações escolares do que examinar aquilo que sua própria forma e as práticas que em torno dela se constituem solicitam ao sujeito que o manipula.

Tradicionalmente associado às culturas infantil e juvenil, ao entretenimento, ao esporte, à cultura popular e às práticas de consumo, o álbum de figurinhas distingue-se de outros artefatos editoriais por uma característica estrutural decisiva: trata-se de um objeto concebido para existir, inicialmente, em estado de incompletude. Diferentemente do livro convencional, que chega às mãos do leitor como uma totalidade material já constituída, o álbum apresenta-se como estrutura lacunar. Suas ausências não representam falhas editoriais, mas integram sua própria lógica de funcionamento. O espaço vazio possui, nesse caso, uma função produtiva: anuncia aquilo que falta e,

simultaneamente, convoca o colecionador à ação.

Essa incompletude programada institui um regime particular de relação com o objeto. Preencher o álbum pressupõe procurar, adquirir, descobrir, reconhecer, comparar, selecionar, ordenar, colar, trocar e, não raramente, negociar. Há imagens ainda desconhecidas, sequências por completar, categorias a reconhecer, exemplares repetidos que adquirem novas funções ao circularem entre os participantes e determinadas figurinhas cuja raridade real ou percebida intensifica o desejo de encontrá-las. A coleção constitui-se, assim, progressivamente. Não se trata somente de contemplar um conjunto de representações visuais, mas de produzi-lo mediante uma sucessão de ações. A leitura do álbum encontra-se, desse modo, indissociavelmente articulada a uma prática material, classificatória e social.

A trajetória histórica dos álbuns de figurinhas no Brasil permite reconhecer a complexidade desse artefato cultural. Goulart (1990), ao investigar sua configuração e desenvolvimento histórico, identifica aspectos relacionados ao tratamento da imagem, ao padrão visual, à composição textual, às estratégias de premiação, ao colecionismo e à emblemática existência da chamada "figurinha difícil". Esses elementos evidenciam que o álbum não pode ser reduzido à reunião de pequenas imagens impressas sobre um suporte encadernado. Ele constitui um sistema material e simbólico cuja dinâmica se organiza pela serialidade, pela expectativa, pela circulação e, principalmente, pela tensão permanente entre falta e completude.

É precisamente essa lógica que torna o objeto particularmente fecundo para a reflexão educacional. O interesse pedagógico pelos álbuns de figurinhas, contudo, não é recente. Experiências brasileiras têm recorrido a esse formato para abordar conteúdos relacionados à Botânica, à História, às cadeias alimentares, à biodiversidade e à fauna brasileira, entre outros campos do conhecimento. Em âmbito internacional, Fuentes Anton (2025), por exemplo, desenvolveu uma coleção composta por 130 figurinhas relacionadas aos elementos da tabela periódica, empregando-a em atividades realizadas com estudantes do Ensino Médio e do Ensino Superior. Tais experiências demonstram a plasticidade do formato e sua possibilidade de apropriação por diferentes componentes curriculares e níveis de ensino.

Entretanto, reconhecer a presença do álbum em práticas educativas não significa afirmar que sua especificidade enquanto objeto colecionável tenha sido necessariamente explorada. Há, nesse ponto, uma distinção conceitual fundamental para este estudo: utilizar pedagogicamente a forma gráfica do álbum não equivale a mobilizar pedagogicamente a lógica do colecionismo.

Um material no qual todas as figurinhas sejam entregues simultaneamente aos estudantes pode preservar a organização serial, a composição visual, as categorias e o gesto de colagem característicos de um álbum, mas suprime parte significativa da experiência colecionadora. Desaparecem ou se enfraquecem a espera, a procura, o acaso, a descoberta, a repetição, a raridade, a circulação, a negociação e a expectativa de completude.

A questão deixa, então, de ser simplesmente como transformar conteúdos escolares em figurinhas e passa a ser outra, teoricamente mais significativa: o que acontece com a relação do estudante com determinado conhecimento quando esse conhecimento é convertido em objeto de coleção? Essa mudança de perspectiva desloca a análise do conteúdo representado para as práticas que se organizam em torno dele. Uma informação impressa em uma figurinha não é apenas lida: ela pode ser procurada, desejada, encontrada, comparada com outras, classificada em uma série, trocada entre colegas, percebida como rara, incorporada a uma totalidade ainda incompleta e posteriormente revisitada. O conteúdo passa, assim, a integrar uma cadeia de ações materiais e simbólicas.

É nesse deslocamento que se situa o problema central desta investigação. Em vez de compreender o álbum como uma superfície diferenciada sobre a qual conteúdos escolares podem ser impressos, propõe-se analisá-lo como um dispositivo material, visual e relacional, capaz de instaurar práticas específicas em torno dos objetos de conhecimento. A materialidade, nessa perspectiva, não comparece como elemento periférico da experiência pedagógica, mas como uma de suas dimensões constitutivas: manipular, ordenar, acumular, comparar e fazer circular objetos são ações que podem participar dos próprios processos pelos quais determinados conhecimentos são percebidos, relacionados e apropriados.

A investigação orienta-se, portanto, pela seguinte questão: quais potencialidades cognitivas, afetivas e sociais emergem da apropriação pedagógica do álbum de figurinhas e, particularmente, das práticas de colecionismo que estruturam sua utilização no contexto escolar?

O objetivo geral consiste em analisar as potencialidades pedagógicas do álbum de figurinhas e das práticas colecionadoras como recursos capazes de favorecer processos de engajamento, construção de conhecimentos, interação social, organização cognitiva, memória e protagonismo discente. De maneira específica, busca-se compreender o colecionismo como prática cultural; examinar as dimensões materiais e visuais constitutivas do álbum; relacionar operações próprias do ato de colecionar a determinados processos

de aprendizagem; analisar uma experiência pedagógica desenvolvida no contexto escolar; e identificar possibilidades, limites e cuidados implicados na apropriação educativa desse dispositivo.

A hipótese teórica que sustenta o estudo é a de que o potencial educacional do álbum não reside exclusivamente nas informações inscritas nas figurinhas, mas também no regime de ações por meio do qual essas informações são apropriadas. Quando determinado conhecimento se torna algo a ser procurado, reconhecido, comparado, classificado, acumulado, trocado, organizado e revisitado, modifica-se potencialmente a relação que o estudante estabelece com ele. A informação deixa de comparecer apenas como objeto de recepção para converter-se em elemento de uma experiência material e social na qual o estudante intervém continuamente.

Essa hipótese demanda, por fim, distinguir o colecionismo de uma noção que adquiriu considerável presença no vocabulário educacional contemporâneo: a gamificação. Embora ambos possam compartilhar mecanismos relacionados ao desafio, à expectativa, à recompensa e ao engajamento, compreender o álbum exclusivamente como estratégia gamificada significaria subsumir sua especificidade a uma categoria mais ampla e, com isso, obscurecer justamente aquilo que interessa investigar. O colecionismo possui uma lógica própria, fundada na relação entre objeto e série, presença e ausência, repetição e raridade, posse e circulação, fragmento e totalidade. Sua força não decorre apenas da existência de uma recompensa externa, mas do investimento afetivo e simbólico produzido pelo próprio processo de constituição da coleção.

É nessa especificidade que se encontra a aposta teórica deste trabalho. O álbum de figurinhas pode interessar à educação não simplesmente porque torna uma atividade mais lúdica ou atraente, mas porque reorganiza materialmente a relação do sujeito com aquilo que aprende. Ao converter conteúdos em elementos de uma coleção ainda por constituir, o dispositivo introduz o conhecimento em uma economia da procura, da descoberta, da classificação, da circulação e da memória. Investigar pedagogicamente o álbum significa, portanto, investigar o que ocorre quando aprender deixa de envolver apenas receber e registrar informações e passa também a implicar procurar, reunir, relacionar, trocar e constituir uma coleção de saberes.

2 Percurso metodológico

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise de uma experiência pedagógica envolvendo o uso de álbuns de figurinhas e de práticas de colecionismo no contexto escolar. A escolha

da abordagem qualitativa está relacionada à própria natureza do objeto investigado, uma vez que o interesse da pesquisa não se restringe à verificação de resultados quantitativos, mas busca compreender as formas de participação, interação, apropriação e atribuição de sentidos construídas pelos estudantes ao longo da experiência.

O estudo acompanha uma experiência pedagógica desenvolvida pelo mesmo professor em dois contextos escolares distintos, em momentos sucessivos. A primeira etapa ocorreu em uma escola localizada em região periférica, na qual o professor atuava na disciplina de Redação e Leitura. Nesse contexto, a proposta teve como ponto de partida uma iniciativa da coordenação escolar voltada à criação de um álbum de figurinhas como estratégia de engajamento dos estudantes. A turma inicialmente selecionada foi o 7º ano B, identificada pela equipe escolar como uma das turmas que apresentava maiores desafios relacionados à participação e ao envolvimento nas atividades escolares.

Nas primeiras experiências, a obtenção das figurinhas foi vinculada ao desempenho dos estudantes nas atividades realizadas por meio da plataforma LEIA. Dessa maneira, a quantidade de acertos nas atividades constituía um dos critérios para o recebimento das figurinhas, estabelecendo uma relação entre a realização das atividades escolares e a constituição progressiva da coleção. Entre os indícios inicialmente observados pela equipe escolar estavam o aumento da frequência dos estudantes e a manutenção de indicadores de desempenho identificados pela plataforma na categoria "verde".

A experiência foi desenvolvida por meio de três edições sucessivas do álbum, que são consideradas, nesta investigação, como diferentes momentos de desenvolvimento e reelaboração do mesmo dispositivo pedagógico. A primeira edição foi composta por 40 figurinhas relacionadas a escritores decoloniais, literatura marginalizada, literatura universal e grandes autores. Nessa etapa, além da participação nas atividades, foram observadas práticas de troca de figurinhas entre estudantes de diferentes turmas e ampliação das interações sociais, elementos que passaram a integrar a própria dinâmica da experiência.

A segunda edição manteve a proposta de articulação entre o álbum e as atividades de Redação e Leitura, mas incorporou novos recursos à sua configuração. O álbum passou a apresentar elementos interativos, incluindo códigos QR que possibilitavam o acesso a vídeos e versões digitais de livros. Também foram incorporadas diferentes categorias temáticas, como literatura de terror, universo de Harry Potter e escritores, além de uma primeira experiência com figurinhas

organizadas em formato de mosaico.

No terceiro momento, a experiência foi deslocada para uma nova instituição escolar, localizada em região central, em decorrência da mudança de escola do professor responsável pela proposta. Nesse novo contexto, o professor passou a atuar na disciplina de Esporte, Música e Arte (EMA), realizando uma adaptação do dispositivo anteriormente desenvolvido. O álbum manteve características interativas das versões anteriores, mas passou a apresentar temática relacionada ao universo esportivo e cultural, com inspiração na Copa do Mundo de Futebol e conteúdos relacionados a jogadores, cantores e artistas.

Cada edição resultou de um processo de continuidade, adaptação e incorporação de novos elementos ao dispositivo. Essa característica permite observar como a materialidade do álbum e as práticas associadas ao colecionismo foram sendo reorganizadas de acordo com os conteúdos escolares e com os diferentes contextos institucionais.

A produção e a análise dos dados consideraram os indicadores institucionais relacionados à frequência e ao desempenho dos estudantes, as observações referentes às práticas de circulação, troca e interação produzidas em torno das figurinhas e um questionário respondido por 51 estudantes, composto por cinco afirmações avaliadas em escala de 1 a 5, sendo duas relacionadas à sociabilidade e três ao engajamento.

relacionados à frequência e ao desempenho dos estudantes e as observações referentes às práticas de circulação, troca e interação produzidas em torno das figurinhas. Esses elementos são analisados de forma a compreender não apenas os resultados associados à utilização do álbum, mas as práticas que se constituíram a partir dele.

Na análise da experiência, o engajamento é compreendido como um fenômeno que ultrapassa a simples realização das atividades propostas. Consideram-se, nesse sentido, manifestações relacionadas à participação dos estudantes, à frequência escolar, à continuidade da atividade, às trocas entre colegas e à circulação das figurinhas.

A comparação entre as experiências desenvolvidas nas duas instituições constitui um eixo relevante. No primeiro contexto escolar, a experiência foi associada a níveis elevados de engajamento e à ampliação das interações entre estudantes. No segundo, embora tenha sido identificado bom nível de engajamento, observou-se uma percepção de menor significado atribuído à prática quando comparada à experiência anterior. Essa diferença é considerada neste estudo como uma questão a ser investigada, especialmente em relação às características sociais e institucionais dos dois contextos.

Desse modo, a análise não parte da

pressuposição de que o álbum de figurinhas produz necessariamente os mesmos efeitos em diferentes contextos. Ao contrário, busca compreender de que maneira sua utilização, associada às práticas de colecionismo, pode produzir diferentes formas de participação, interação e atribuição de sentido. Tal perspectiva se aproxima da hipótese teórica apresentada neste estudo, segundo a qual o potencial educacional do álbum não está apenas nas informações presentes nas figurinhas, mas também no conjunto de ações mobilizadas pela prática de colecionar.

A análise das três edições permite, assim, compreender o álbum de figurinhas não apenas como recurso gráfico ou instrumento de recompensa, mas como um dispositivo pedagógico cuja materialidade organiza determinadas formas de relação entre estudantes, objetos e conhecimentos. O percurso metodológico busca, portanto, apreender tanto as permanências quanto as transformações da experiência, considerando as especificidades de cada contexto escolar e as diferentes formas pelas quais o colecionismo se constituiu como prática educativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das três experiências desenvolvidas com os álbuns de figurinhas permite identificar que os efeitos pedagógicos observados não se restringiram ao contato dos estudantes com os conteúdos representados nas figurinhas. Ao longo das aplicações, constituíram-se práticas de procura, obtenção, comparação, troca, organização e acompanhamento da coleção que progressivamente passaram a integrar a dinâmica das aulas. Os resultados sugerem, desse modo, que parte significativa do engajamento esteve relacionada menos ao álbum enquanto suporte gráfico e mais à experiência colecionadora instaurada em torno dele.

Além das observações realizadas durante as experiências, a investigação foi complementada por um questionário respondido por 51 estudantes. O instrumento foi composto por cinco afirmações avaliadas em escala de 1 a 5, sendo duas relacionadas à sociabilidade e três ao engajamento. As questões não foram concebidas como medida direta de aprendizagem, mas como possibilidade de confrontar as observações realizadas com a percepção dos próprios estudantes acerca das interações e do envolvimento produzidos em torno do álbum.

Os resultados apresentaram concentração nos valores superiores da escala. Nas duas afirmações relacionadas à sociabilidade, 74,5% dos participantes atribuíram nota 5 tanto à percepção de que o álbum incentivou a interação com outros estudantes quanto à de que a troca de figurinhas proporcionou colaboração e

aproximação entre os colegas. Consideradas conjuntamente as respostas 4 e 5, o percentual alcançou 90,2% em ambas as questões. Em relação ao engajamento, 82,4% atribuíram nota máxima à afirmação de que colecionar aumentou seu interesse em participar das atividades; 78,4% indicaram concordância máxima com a motivação decorrente de descobrir quais figurinhas ainda faltavam; e 86,3% afirmaram, no nível máximo da escala, que a vontade de completar o álbum manteve seu interesse ao longo da experiência.

Esses resultados não permitem estabelecer relações causais entre a utilização do álbum, a aprendizagem ou outros indicadores escolares, sobretudo porque correspondem às percepções declaradas pelos participantes. Sua relevância reside, entretanto, na convergência entre as observações realizadas durante as aplicações e a avaliação dos estudantes. Particularmente significativas são as respostas relacionadas à troca, à identificação das figurinhas ausentes e ao desejo de completar a coleção, características que distinguem o álbum de outros recursos visuais utilizados pedagogicamente.

Essa convergência mostrou-se particularmente evidente na primeira aplicação, realizada com o 7º ano B, turma selecionada em razão dos desafios anteriormente identificados quanto à participação e ao envolvimento nas atividades escolares. Com a introdução do álbum, foram observadas alterações na dinâmica de participação, acompanhadas pelo aumento da frequência escolar e pela manutenção dos indicadores de desempenho da plataforma LEIA na categoria considerada satisfatória pela instituição. Embora não seja possível estabelecer uma relação causal direta entre esses indicadores e a utilização do álbum, sua ocorrência simultânea ao desenvolvimento da proposta constitui um indício relevante de ampliação do envolvimento dos estudantes.

A interpretação desses resultados pode ser aproximada da concepção multidimensional de engajamento proposta por Fredricks, Blumenfeld e Paris (2004), que distinguem três dimensões inter-relacionadas: comportamental, emocional e cognitiva. A primeira envolve participação e envolvimento nas atividades escolares; a segunda, as reações afetivas e o interesse estabelecido em relação à escola e às atividades; e a terceira relaciona-se ao investimento do estudante nos processos de aprendizagem.

Sob essa perspectiva, o aumento da frequência e a participação observada nas atividades podem ser compreendidos como indícios de engajamento comportamental, interpretação que encontra correspondência na percepção dos estudantes: 82,4% atribuíram nota máxima à afirmação de que colecionar as figurinhas aumentou seu interesse em participar das atividades

propostas. A dimensão emocional manifesta-se na expectativa pela obtenção das figurinhas e pelo desejo de completar a coleção, uma vez que 86,3% atribuíram nota máxima à manutenção do interesse provocada pela vontade de completar o álbum e 78,4% à motivação decorrente da identificação das figurinhas ainda ausentes.

A dimensão cognitiva exige maior cautela, pois os dados disponíveis não permitem atribuir ao álbum ganhos específicos de aprendizagem. Ainda assim, operações como reconhecimento, comparação, classificação e organização, mobilizadas pela coleção, constituem elementos relevantes para discutir as formas pelas quais os estudantes se relacionaram com os objetos de conhecimento.

Resultados relacionados ao engajamento também foram encontrados por Fuentes Anton (2025), em experiência que empregou uma coleção de 130 figurinhas relacionadas aos elementos da tabela periódica com estudantes do Ensino Médio e do Ensino Superior. A autora observou elevados níveis de participação e interesse na obtenção das figurinhas. A aproximação entre os estudos é significativa porque, em ambos, a figurinha não comparece apenas como representação visual de determinado conteúdo, mas integra uma dinâmica progressiva de constituição de uma coleção.

No presente estudo, entretanto, interessa compreender não somente se as figurinhas favoreceram o engajamento, mas quais características específicas do colecionismo podem ajudar a explicá-lo. As questões relacionadas ao engajamento remetiam justamente a ações e expectativas próprias da experiência colecionadora: colecionar, identificar aquilo que falta e desejar completar uma série.

É nesse ponto que a relação entre fragmento e totalidade assume particular importância. Cada figurinha possui existência material própria, mas seu significado enquanto objeto colecionável depende da posição que ocupa no interior da série. Uma figurinha já obtida, uma repetida e uma ainda ausente podem apresentar o mesmo conteúdo impresso e, ainda assim, assumir valores inteiramente distintos para o colecionador.

Essa condição permite aproximar a experiência das reflexões de Walter Benjamin (2009) sobre o colecionador. Para Benjamin, o objeto colecionado ultrapassa sua funcionalidade imediata ao adquirir significado por sua posição entre outros objetos e pela relação estabelecida com aquele que coleciona. Transportada para a experiência analisada, essa perspectiva permite compreender por que a figurinha não se reduzia ao pequeno suporte impresso que continha a imagem de determinado escritor, artista ou personagem. Encontrá-la, perceber sua ausência, reconhecê-la como repetida ou

incorporá-la a uma sequência completa constituíam diferentes relações com o mesmo objeto.

Baudrillard (2008), por sua vez, permite compreender a coleção como um sistema no qual os objetos adquirem sentido também em relação aos demais elementos da série. Essa perspectiva ajuda a interpretar o valor relacional atribuído às figurinhas: o exemplar procurado adquiria importância porque preenchia determinada ausência; o repetido perdia parte de seu valor para a coleção individual, mas adquiria outro ao ser colocado em circulação; e aquele que completava uma página assumia significado particular.

Os resultados do questionário reforçam essa interpretação. Diante da afirmação de que descobrir quais figurinhas ainda faltavam os motivava a continuar participando das atividades, 78,4% escolheram o valor máximo e 11,8% atribuíram nota 4, totalizando 90,2% nas duas categorias superiores. A incompletude, portanto, não representava necessariamente uma deficiência do dispositivo, mas uma de suas condições de funcionamento. Diferentemente de materiais escolares apresentados como totalidades previamente constituídas, o álbum tornava visível aquilo que ainda não estava presente e projetava a continuidade da ação.

3.1 Da obtenção à circulação: a coleção como prática social

Um dos resultados mais significativos da primeira experiência foi a circulação das figurinhas entre os estudantes. Os exemplares repetidos, aparentemente sem utilidade para quem já os possuía, adquiriam nova função quando inseridos nas relações entre os colecionadores. Foram observadas trocas não apenas entre estudantes da mesma turma, mas também entre alunos de turmas diferentes. Perguntar quais figurinhas o colega possuía, apresentar aquelas que faltavam, negociar repetidas e acompanhar o avanço das coleções tornaram-se práticas decorrentes da própria lógica do objeto.

As respostas ao questionário convergem com essas observações. Na afirmação de que o álbum incentivou a conversar e interagir com outros estudantes, 74,5% atribuíram nota 5 e 15,7%, nota 4. A mesma distribuição ocorreu na afirmação de que a troca proporcionou momentos de colaboração e aproximação. Em ambos os itens, portanto, 90,2% das respostas concentraram-se nos dois valores superiores da escala, sugerindo que a circulação das figurinhas esteve associada, para parcela expressiva dos estudantes, à interação com os pares.

A troca evidencia que o colecionismo não precisa constituir uma atividade exclusivamente individual. Enquanto a

figurinha ausente representa uma necessidade na coleção de determinado estudante, a repetida constitui simultaneamente um excedente para quem a possui e uma possibilidade de preenchimento da ausência de outro. O objeto aparentemente redundante transforma-se, assim, em elemento de mediação social.

Identificam-se, nesse sentido, dois movimentos complementares. De um lado, a figurinha ausente impulsiona a procura e mantém aberta a expectativa de obtenção; de outro, a repetida favorece a circulação e cria condições para a interação entre os colecionadores. Ausência e repetição, que poderiam ser compreendidas como imperfeições de uma coleção incompleta, tornam-se elementos capazes de mantê-la em movimento.

É também nesse processo que a proposta se distancia de uma utilização do álbum baseada exclusivamente em recompensa. Se a figurinha constituísse somente um prêmio recebido pela realização de determinada atividade, sua função tenderia a encerrar-se no momento da entrega. O que se observou, contudo, foi a continuidade de sua trajetória: depois de recebida, era identificada, comparada, colada, acumulada ou novamente colocada em circulação.

Essa dinâmica permite estabelecer um diálogo crítico com trabalhos que aproximam o álbum da gamificação. Gouvêa e Heinrich (2022), por exemplo, desenvolveram o projeto *Arte que Cola!*, álbum digital e gamificado destinado ao ensino de História da Arte no Ensino Fundamental. Embora essa aproximação seja pertinente, os resultados desta investigação sugerem que a gamificação, isoladamente, não explica as práticas observadas. O interesse produzido pela coleção estava relacionado também a características próprias do colecionismo, como serialidade, incompletude, repetição, raridade, circulação e expectativa de completude.

Obter uma figurinha modificava o estado da coleção e, simultaneamente, reorganizava aquilo que ainda faltava obter. Cada espaço vazio indicava aquilo que o estudante ainda não possuía e aquilo que poderia vir a possuir. A figurinha ausente, portanto, não constituía somente uma lacuna material: mantinha aberta a coleção e projetava sua continuidade.

3.2 Entre a coleção e o conhecimento: transformações e potencialidades pedagógicas

A realização de três edições sucessivas permitiu compreender o álbum não como recurso pedagógico estático, mas como dispositivo progressivamente reelaborado a partir das respostas dos estudantes e das condições de cada contexto escolar. Mais do que produtos independentes, as edições

constituíram momentos de um processo de experimentação no qual materialidade, visualidade, leitura, interação e colecionismo foram articulados de diferentes maneiras.

A primeira edição, composta por 40 figurinhas relacionadas a escritores decoloniais, literatura marginalizada, literatura universal e grandes autores, estabeleceu a estrutura inicial da proposta e evidenciou principalmente a circulação e a interação entre os estudantes. Na segunda, foram incorporadas categorias temáticas, códigos QR direcionados a vídeos e versões digitais de livros e figurinhas organizadas em mosaicos. O álbum físico passou, assim, a estabelecer conexões com outros suportes e linguagens.

Essa articulação aproxima-se da perspectiva dos multiletramentos discutida por Rojo e Moura (2012), que reconhece a multiplicidade de linguagens e suportes presentes nas práticas contemporâneas de produção de sentidos. No caso analisado, os códigos QR não significaram o abandono do suporte material, mas sua expansão, partindo de um objeto físico e colecionável para alcançar livros, vídeos e outros conteúdos digitais.

Os mosaicos reforçaram ainda a relação entre fragmento e totalidade. Isoladamente, cada figurinha apresentava parte de uma composição; reunida às demais, constituía uma imagem mais ampla. Essa estrutura materializava visualmente a própria lógica colecionadora: cada elemento possuía significado particular, mas adquiria outro valor quando relacionado à série da qual fazia parte.

A aproximação entre álbuns de figurinhas e práticas educativas encontra correspondência em outras experiências. Melo (2020), ao desenvolver um álbum com 39 figurinhas sobre mulheres de diferentes tempos e espaços para o ensino de História, demonstrou a possibilidade de utilizar o formato para organizar objetos de conhecimento curricular. Gouvêa e Heinrich (2022), por sua vez, propuseram um álbum digital e gamificado para o ensino de História da Arte, destacando sua relação com o engajamento.

Experiências mais recentes aproximam o dispositivo das práticas de leitura. Alves e Pantoja (2025), ao utilizarem um álbum como recurso auxiliar no processo de alfabetização, identificaram avanços na identificação de letras e sílabas, formação de palavras e compreensão de conceitos relacionados à leitura e à escrita. Embora se trate de contexto distinto, a experiência reforça a possibilidade de integrar a dinâmica do álbum a práticas sistemáticas de aprendizagem.

Essa perspectiva aproxima-se das proposições de Cosson (2006) acerca do letramento literário. O álbum não substitui a leitura da obra nem constitui, isoladamente,

uma prática de letramento literário. Sua contribuição pode residir na criação de percursos de aproximação: a figurinha de determinado escritor, personagem ou obra pode constituir um primeiro contato, enquanto códigos QR, atividades e mediação docente podem conduzir à exploração dos textos. O colecionismo passa, assim, a favorecer a circulação e a revisitação de referências literárias.

Experiência realizada em 2026 na rede municipal de Belo Horizonte oferece exemplo próximo dessa relação. No projeto "Álbum de Figurinhas Literárias – Na Ponta do Lápis", estudantes realizavam leituras de diferentes gêneros e registravam suas impressões para obter recursos fictícios utilizados na aquisição de figurinhas. Relatos associados à experiência indicaram maior iniciativa em relação à leitura e situações em que os estudantes precisavam ler, observar e comparar informações para localizar corretamente as figurinhas.

No contexto da rede estadual paulista, dados divulgados em 2026 também apontaram crescimento de 43,03% no tempo médio semanal de leitura após a implementação de uma estratégia digital inspirada em álbuns de figurinhas, passando de 14,15 para 20,24 minutos semanais. Embora essa experiência apresente diferenças importantes em relação ao álbum físico aqui analisado, o dado reforça a pertinência de investigar relações entre práticas colecionadoras, engajamento e leitura.

Tais resultados, contudo, devem ser interpretados com cautela. A presença de figurinhas ou mecanismos colecionáveis não produz automaticamente leitores, assim como possuir a figurinha de determinado escritor não implica conhecer sua obra. A coleção não substitui a mediação pedagógica. Seu potencial reside na possibilidade de produzir aproximação, curiosidade, reconhecimento e retorno aos objetos culturais representados.

A terceira edição ampliou essa reflexão ao deslocar a experiência para outra instituição e outro componente curricular. O álbum foi adaptado à disciplina de Esporte, Música e Arte (EMA), incorporando jogadores, cantores e artistas e estabelecendo diálogo com o universo cultural da Copa do Mundo. A permanência do formato diante da alteração dos conteúdos evidencia sua plasticidade e sua capacidade de organizar diferentes objetos de conhecimento.

Embora tenha havido participação e interesse, observou-se menor intensidade na atribuição de significado à prática quando comparada à experiência da primeira instituição. Esse resultado impede que o álbum seja compreendido como recurso intrinsecamente motivador. Como ressaltam Fredricks, Blumenfeld e Paris (2004), o engajamento relaciona-se a fatores contextuais e emerge das relações estabelecidas entre estudantes, atividades e ambiente educacional.

A comparação entre as instituições sugere, portanto, que a mesma prática pode adquirir sentidos diferentes conforme os sujeitos e os contextos. Cultura escolar, relações entre estudantes, familiaridade com o colecionismo, mediação docente e experiências anteriores podem interferir na apropriação do dispositivo. A localização periférica da primeira escola e central da segunda constitui um elemento contextual, mas os dados disponíveis não permitem estabelecer relações causais entre características socioeconômicas e intensidade do engajamento.

A própria distribuição das respostas ao questionário reforça essa cautela. Embora predominem avaliações positivas, nem todos os estudantes atribuíram o mesmo significado à experiência. Na afirmação de que a vontade de completar o álbum manteve o interesse, por exemplo, 86,3% selecionaram a nota máxima, mas houve respostas distribuídas entre os demais níveis da escala. O dispositivo, portanto, não produz necessariamente os mesmos efeitos sobre todos os sujeitos.

Essa heterogeneidade evidencia que recursos pedagógicos não possuem significado educacional independentemente das situações em que são empregados. Simplesmente imprimir conteúdos em figurinhas não garante envolvimento ou aprendizagem. Sua potencialidade emerge da articulação entre objeto, mediação docente, conhecimentos selecionados e práticas desencadeadas por sua utilização.

Consideradas conjuntamente, as três edições e os dados do questionário permitem retornar à especificidade do colecionismo. Procurar uma figurinha implica reconhecer aquilo que falta; identificar um exemplar exige diferenciá-lo dos demais; organizar uma coleção pressupõe perceber categorias e relações; reconhecer uma repetição demanda memória do que já se possui; trocar envolve reconhecer uma necessidade própria e uma possibilidade de interesse do outro; completar uma página significa relacionar fragmentos a uma estrutura mais ampla. Essas operações não correspondem automaticamente à aprendizagem dos conteúdos representados, mas constituem ações cognitivas, afetivas e sociais passíveis de exploração pedagógica.

Benjamin (2009) permite compreender como o elemento colecionado passa a ocupar uma posição particular em uma ordem construída pelo sujeito, enquanto Baudrillard (2008) evidencia o caráter relacional dos objetos no interior da série. Na experiência analisada, essas formulações encontram correspondência em dois movimentos complementares: a figurinha repetida coloca o objeto em circulação; a figurinha ausente mantém o colecionador em movimento.

A repetida, ao perder parte de seu

valor para a coleção individual, pode adquirir novo valor ao corresponder à ausência existente na coleção de outro estudante, transformando-se em possibilidade de negociação, interação e cooperação. A ausente, por sua vez, projeta uma ação futura. Os resultados do questionário reforçam essa interpretação: 90,2% dos estudantes concentraram suas respostas nos níveis 4 e 5 quanto à interação e à colaboração proporcionadas pelas trocas, enquanto 78,4% atribuíram nota máxima à motivação decorrente da identificação das figurinhas ausentes e 86,3% à manutenção do interesse pela vontade de completar o álbum.

Nesse sentido, o potencial pedagógico identificado não reside exclusivamente no conteúdo impresso nas figurinhas nem no caráter lúdico do álbum, mas na combinação entre materialidade, incompletude, serialidade, circulação, mediação pedagógica e conhecimento. Cada novo exemplar modifica aquilo que o estudante já possui e redefine simultaneamente aquilo que ainda falta.

É justamente nessa incompletude que a figurinha ausente adquire significado pedagógico mais amplo. O espaço vazio não representa apenas um objeto ainda não obtido, mas mantém a coleção em movimento. Entre aquilo que já foi reunido e aquilo que ainda se procura estabelece-se um intervalo capaz de mobilizar expectativa, curiosidade, interação e continuidade.

Isso não significa afirmar que o engajamento com a coleção corresponda automaticamente à aprendizagem. O questionário investigou percepções relacionadas à sociabilidade e ao engajamento, e não ganhos de aprendizagem ou desempenho acadêmico. Essa distinção delimita o alcance dos resultados e indica possibilidades para investigações posteriores.

Os resultados sugerem, portanto, que a contribuição educacional do álbum não consiste simplesmente em tornar o conhecimento mais atraente por meio de figurinhas. Sua particularidade está em inserir determinados conhecimentos em uma experiência material e social de constituição progressiva de uma coleção. Colecionar pode, nessa perspectiva, envolver procurar, ler, reconhecer, relacionar, organizar, trocar, compartilhar e revisitar. Entre a figurinha que falta e a coleção que se completa, abre-se um espaço no qual o conhecimento também pode ser progressivamente construído.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar as potencialidades pedagógicas do álbum de figurinhas e, de maneira mais específica, das práticas de colecionismo mobilizadas por sua inserção no contexto escolar. A análise das três edições desenvolvidas em dois contextos institucionais distintos permitiu compreender que a contribuição do dispositivo não se

encontra apenas nos conteúdos impressos nas figurinhas ou em seu caráter visual e lúdico. Sua particularidade reside também no conjunto de ações que a constituição progressiva de uma coleção coloca em movimento: procurar, reconhecer, comparar, organizar, trocar, compartilhar e acompanhar aquilo que já foi obtido e aquilo que ainda permanece ausente.

Os resultados obtidos por meio das observações e do questionário aplicado a 51 estudantes apontaram uma percepção predominantemente positiva quanto às dimensões de engajamento e sociabilidade investigadas. A experiência evidenciou especialmente a importância da troca de figurinhas para as interações entre os estudantes e da incompletude da coleção para a continuidade do interesse. Nesse sentido, dois movimentos mostraram-se particularmente relevantes: enquanto a figurinha repetida favorece a circulação do objeto entre os sujeitos, a figurinha ausente projeta a continuidade da procura. A repetida coloca o objeto em movimento; a ausente mantém o colecionador em movimento. É na articulação entre esses movimentos que o caráter material, afetivo e social do colecionismo revela possibilidades para sua apropriação pedagógica.

Essa compreensão permite também diferenciar a proposta de uma utilização do álbum fundamentada exclusivamente em mecanismos de recompensa ou gamificação. Embora tais dimensões possam estar presentes, reduzir a experiência a elas significaria desconsiderar características específicas do colecionismo, como a serialidade, a incompletude, a repetição, a circulação e a expectativa de completude. O álbum distingue-se justamente por oferecer ao estudante uma totalidade que não está dada de antemão, mas que precisa ser progressivamente constituída. Cada figurinha obtida transforma o estado da coleção e redefine, simultaneamente, aquilo que ainda falta.

A comparação entre as experiências também demonstrou que o álbum não deve ser compreendido como um recurso intrinsecamente motivador ou capaz de produzir os mesmos efeitos independentemente do contexto em que é utilizado. As diferenças observadas entre as duas instituições indicam que o engajamento depende das relações estabelecidas entre os sujeitos, o dispositivo, a mediação docente, os conhecimentos selecionados e a cultura escolar. Da mesma forma, as respostas minoritárias nos diferentes níveis da escala evidenciam que os estudantes não atribuem necessariamente os mesmos sentidos à experiência. A potencialidade pedagógica do colecionismo encontra-se, portanto, menos no objeto isolado do que nas práticas que se constroem em torno dele.

Também é necessário delimitar o alcance das conclusões apresentadas. Os dados produzidos permitem discutir principalmente aspectos relacionados ao engajamento, à sociabilidade e às formas de participação observadas durante as experiências, mas não autorizam estabelecer relações causais entre o uso do álbum e ganhos específicos de aprendizagem ou desempenho acadêmico. O questionário investigou percepções dos estudantes sobre a experiência, e os indicadores institucionais analisados foram considerados como indícios, não como demonstrações de causalidade. Investigações futuras poderão ampliar essa discussão por meio de instrumentos voltados especificamente à aprendizagem, à memória, à leitura e à apropriação dos conhecimentos representados nas coleções, bem como pela realização de experiências com outros componentes curriculares, etapas de escolarização e contextos sociais.

Ainda assim, as experiências analisadas permitem sustentar que o álbum oferece possibilidades pedagógicas que ultrapassam sua utilização como suporte diferenciado para conteúdos escolares. Quando articulado intencionalmente à mediação docente, o colecionismo pode inserir esses conteúdos em uma experiência na qual conhecer envolve também procurar, relacionar, classificar, reunir, trocar e revisitar. A materialidade do objeto deixa, nesse sentido, de constituir mero revestimento de uma atividade pedagógica para participar das formas pelas quais os estudantes entram em contato e estabelecem relações com aquilo que lhes é apresentado.

Retoma-se, assim, a questão que atravessa este trabalho e que se encontra sintetizada em seu título. Entre a figurinha que falta e o conhecimento que se constrói existe um espaço de procura. O álbum nasce incompleto e, justamente por isso, solicita ações para que sua totalidade seja constituída. Pedagogicamente, talvez seja essa uma de suas contribuições mais significativas: permitir pensar o conhecimento não somente como algo pronto a ser entregue ao estudante, mas como uma totalidade que se constitui progressivamente por meio de encontros, relações, descobertas e retornos. Se a coleção permanece em movimento enquanto alguma figurinha ainda falta, a experiência educativa também pode encontrar valor naquilo que ainda não está completo, no que desperta curiosidade, provoca interação e convida o estudante a continuar procurando.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. L.; PANTOJA, C. D. de S. **O potencial de um álbum de figurinhas como recurso auxiliar na alfabetização de um aluno TEA do 1º ano do Ensino Fundamental.** Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 25, n. 25, 9 jul. 2025. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/25/25/o-potencial-de-um-album-de-figurinhas-como-recurso-auxiliar-na-

alfabetizacao-de-um-aluno-tea-do-1-ano-do-ensino-fundamental. Acesso em: 15 set. 2026.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos.** Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BENJAMIN, W. O colecionador. In: BENJAMIN, W. **Passagens.** Organização de Willi Bolle; colaboração de Olgária Chain Féres Matos; tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 237–246.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREDRICKS, J. A.; BLUMENFELD, P. C.; PARIS, A. H. **School engagement: potential of the concept, state of the evidence.** Review of Educational Research, [S. l.], v. 74, n. 1, p. 59–109, 2004. DOI: 10.3102/00346543074001059.

FUENTES ANTON, S. **From childhood to classroom: teaching the periodic table of elements through collectible sticker cards. Journal of Chemical Education,** [S. l.], v. 102, n. 10, p. 4349–4356, 2025. DOI: 10.1021/acs.jchemed.5c00069.

GOULART, P. C. A. **Álbum de figurinhas: configurações e história.** 1990. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. DOI: 10.11606/D.27.1990.tde-03052024-120619.

GOUVÊA, D. R.; HEINRICH, F. O**. Arte que Cola! Álbum de figurinhas digital e gamificado para ensino de História da Arte.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 14., 2022, Rio de Janeiro. **Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 3083–3096. DOI: 10.5151/ped2022-4357450.

MELO, A. M. **Projetar mulheres: o álbum de figurinhas como recurso pedagógico no ensino de história no semiárido alagoano.** 2020. 143 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/21492. Acesso em: 15 set. 2026.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Álbum de figurinhas une leitura e matemática financeira.** Belo Horizonte, 20 ago. 2026. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/album-de-figurinhas-une-leitura-e-matematica-financeira. Acesso em: 15 set. 2026.

ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Índice de leitura na rede estadual de SP cresce com álbuns digitais de figurinhas de futebol**. São Paulo, 23 jun. 2026.